

POPULAÇÕES GUAPOREANAS: CONFIGURAÇÃO E RECONFIGURAÇÕES NO MUNDO NEOCOLONIAL¹

Geisa Correia Soares Celestino²
Universidade Federal de Rondônia

Janeik Estevam da Silva³
Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

O presente artigo é uma reflexão sobre os processos de configuração e reconfiguração das populações neocoloniais guaporeanas. Entendendo por populações neocoloniais aquelas surgidas como fruto do processo de colonização instaurado pelos europeus na bacia do rio Guaporé, que já havia sido colonizada pelas populações nativas a que nos habituamos denominar índio. A neocolonização da região resultou em grandes transformações nas sociedades que habitavam o território. Entender as transformações que as populações foram sofrendo ao longo do tempo é necessário, não se tratando apenas de mudanças/transformações de caráter genético, mas também aspectos culturais e econômicos. Para tanto, torna-se necessário reconstruir brevemente o projeto neocolonial desenvolvido na região, pois as populações rurais guaporeanas são resultantes de toda uma trajetória histórica.

Palavras chaves: reconfiguração, Guaporé, negros, neocolonial, caboclo.

INTRODUÇÃO

Segundo Fonseca (2007) a história é a ação dos homens entre si e no tempo, sobre um determinado ambiente. Sem ensaiarmos aqui uma discussão sobre o papel do meio ambiente nos processos adaptativos dos quais resultam as diversas cultura humanas, o que nos conduziria a uma discussão acerca do

¹ O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa intitulado “Formação das populações rurais amazônicas: gênese, desenvolvimento e características” realizado no Programa Institucional de Bolsas e Trabalhos Voluntários de Iniciação Científica (PIBIC) biênio 2014-2015, sob a orientação do Prof. Dr. Dante Ribeiro da Fonseca.

² Acadêmica de graduação do Curso de História da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

³ Acadêmica de graduação do Curso de História da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

determinismo ambiental. cremos que o meio ambiente é um aspecto importante a ser considerado no conjunto de escolhas a que estão expostas a sociedade na luta pela sobrevivência. A bacia do rio Guaporé é apresentada aqui como local privilegiado para entender os processos de reconfiguração pelo qual passaram os habitantes desse território, ou seja, as populações, os homens. De acordo com Lima: “A *distinção de cada tipo regional está relacionada com a geografia, a história da colonização e as origens étnicas da população.*” (LIMA, 1999, p. 6). Os ambientes neocoloniais das margens do rio Guaporé, tanto a espanhola, quanto a portuguesa foram palcos de intensas relações travadas entre os diferentes grupos étnicos que nele se encontravam (africanos, indígenas e europeus). Os processos de transformação que resultaram em um acentuado processo de mestiçagem, o que contribuiu para a diversificação do quadro étnico da região foram mais acentuados na colônia portuguesa, a qual trataremos mais detalhadamente no artigo. A composição das populações guaporeanas foi mudando ao longo do tempo, entendendo aqui mudanças não apenas de caráter genético, mas também aspectos culturais e econômicos.

Como afirmou Marc Bloch a história é a ciência dos homens no tempo, homens, o que nos remete a uma ciência da diversidade. Assim como Bloch já delineou a história como a ciência dos homens e não do ‘homem’, utilizo aqui desse mesmo conceito pluralístico para falar em populações e não em ‘população’. Utilizando ainda o conceito de tempo proposto por Bloch, pois para o historiador a história além de pensar o humano, também pensa a atmosfera em que seu pensamento respira, ou seja, o tempo é o próprio plasma onde se engastam os fenômenos e como lugar de sua própria intelegibilidade. O tempo aqui é retirado do seu conceito meramente quantitativo e cronológico. Passamos a encará-lo como um plasma que envolve tanto o caráter espacial quanto temporal, e que se torna fundamental para compreender tantos processos de mudanças quanto de permanência.⁴ Entender os processos de mudanças que se desencadearam na região é fundamental. A discussão sobre tempo é válida, pois quando falamos do encontro dos principais grupos étnicos

⁴O tempo é o meio e a matéria concreta da história: *Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história... É o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua intelegibilidade.* (BLOCH, s/d, p. 24)

(africanos, indígenas, europeu) retratamos um encontro marcado por tempos históricos diferentes. Abordando o conceito de fronteira proposto por José de Souza Martins, o mesmo enfatiza que é na fronteira que temos um encontro de historicidades desencontradas, tempos que não fluem simultaneamente na mesma direção. Segundo Martins

A fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano*. (MARTINS, 1997, p. 13).

É necessário explicitar o conceito de fronteira tratado, pois o rio Guaporé não é colocado aqui apenas como uma fronteira natural que dividiu duas colônias: espanhola e portuguesa, mas sim é abordado como uma fronteira possível de estudo, uma construção epistemológica, uma fronteira humana.⁵ Fronteira de culturas, etnias e visões de mundos diferentes. É assim que encontramos os africanos ou as populações indígenas que foram reduzidas nas duas Províncias missionárias de Mojos e Chiquitos. Ambos os grupos apresentavam singularidades e se situavam de forma diferente no tempo e no espaço. O primeiro processo de reconfiguração ocorre quando africanos e indígenas são retirados do seu mundo/tempo originário para adentrarem ao Novo Mundo/tempo instaurado pelo europeu na América. Para analisar os tipos populacionais que se desenvolveram na região guaporeana, antes é necessário nos atermos ao projeto colonial que foi desenvolvido na margem portuguesa, já que o caboclo guaporeano é fruto do contexto histórico.

O SISTEMA MISSIONÁRIO COMO PORTA DE ENTRADA PARA O MUNDO NEOCOLONIAL

Foram os espanhóis os primeiros a ocupar a margem Ocidental do rio Guaporé. Os espanhóis se depararam com complexos grupos indígenas habitando os rios tributários do Guaporé/Mamoré no período pré-colonial.

⁵É na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem [...] na fronteira, o Homem não se encontra – se desencontra. (MARTINS, 1997, p. 12)

Foram os habitantes originais do território que formaram as populações das duas principais Províncias missionárias jesuíticas de Mojos e Chiquitos instaladas no território espanhol fronteiro a colônia portuguesa. Retomando aqui o conceito pluralístico de ‘populações’, já que o conquistador encontrou inúmeras populações indígenas ocupando a região. Segundo Canavarros: “a partir dos achados de Potosí, em 1545, toda a política de conquista de Castela, na América do sul, ficou subordinada à defesa desse patrimônio de valor incalculável”. (2004, p. 276). O principal objetivo do projeto missionário espanhol era criar um pacto de lealdade com o nativo, afim de que ele defendesse o território barrando principalmente os caminhos que levavam as minas de prata no Peru. As missões espanholas agiram e se transformaram em verdadeiras instituições de fronteira. Usando das palavras de Denise Meireles (1989) os nativos foram transformados em verdadeiros *Guardiões da Fronteira*.

Quando analisamos a política neocolonial em si, percebemos como ela perturbou o percurso que as sociedades pré-colombianas desenvolveriam naturalmente vivendo em seu habitat original. Tomando alguns aspectos da colonização espanhola, para adentrarem no Novo Mundo e transformarem-se em populações neocoloniais, os diversos grupos indígenas passaram por um intenso processo de reconfiguração. O primeiro passo do processo de conquista foi a reconfiguração das nações indígenas que povoavam o território, reconfigurando as mesmas como populações ‘homogêneas’. Os termos “Mojos e Chiquitos” devem ser vistos como denominações genéricas cunhadas pelo conquistador espanhol e aplicadas as diferentes etnias que habitavam o território boliviano. Não servem para explicar detalhadamente as populações indígenas antes do sistema missionário. O resultado de todo o processo de reconfiguração das populações na fronteira guaporeana variou segundo a política de atração da Espanha e de Portugal. Na colônia portuguesa o resultado foi o tapuio, o primeiro tipo essencialmente neocolonial, o índio genérico. Esse tipo fala a língua artificial criada pelo bandeirante de codificada pelos missionários religiosos sob o nome de tupi-guarani ou nheengatu na Amazônia. Torna-se sedentário e praticante de uma agricultura que produz excedente para o mercado neocolonial. Nas províncias de Mojos e Chiquitos esse nativo é introduzido no mundo colonial de forma que não perde tão radicalmente os dados de sua cultura ancestral, de modo que podemos

reconhecê-lo hoje em dia. Um dos aspectos importantes da estratégia jesuítica consiste em adotar a língua predominante na região e a agregação de nativos do mesmo grupo nas missões. Nos Andes a permanência do *aillu* permite a sobrevivência da comunidade camponesa pré-colonial.

As missões podem ser encaradas como uma das principais portas de entrada do gentio para o mundo neocolonial, pelo simples fato de o aldeamento missionário ter ajudado a formar o primeiro tipo populacional que compôs a população do mundo neocolonial, o Tapuio, já uma construção da colonização. Moreira Neto ao falar do Tapuio descreve que

O tapuio pode ser definido como membro de um grupo indígena que perdeu socialmente o domínio instrumental e normativo de sua cultura aborígine, substituindo-a por elementos de uma ou várias outras tradições culturais, que se misturam aos traços residuais da língua e da cultura originais. (MOREIRA NETO, 1988, p. 79)

O Tapuio é o índio genérico que vive já dentro do mundo neocolonial, mas que não sofre nenhum tipo de mudança genética no primeiro momento da conquista. Os processos de mestiçagens na colônia vão crescendo com o tempo. Foi o Tapuio o ser que ajudou no processo de conquista do território. Foram eles que segundo Reis (1953) constituíram o braço para todas as tarefas econômicas e sociais na colônia.

O índio puro só é capaz de sobreviver fora do mundo neocolonial, ou seja, vivendo nas florestas e mantendo-se em grupos indígenas autônomos. Além de reconfigurar as distintas populações indígenas como populações tapuias (genéricas) as missões também ajudaram a forjar novos tipos populacionais, com indivíduos já descendentes do mundo neocolonial, pois “*em todos os tempos e em todas as regiões coloniais, as mulheres indígenas deixaram de produzir filhos indígenas para produzir filhos mestiços, os mamelucos*”. (MOREIRA NETO, 1988, p. 88). O cabano é o segundo tipo populacional que se forma dentro do ambiente neocolonial, sendo ele o ser resultante dos diversos processos de mestiçagem desenvolvidos na colônia. O Cabano é o ser mestiço (mameluco, mulato, curiboca, caburé). Deve ser destacado que cada tipo regional está relacionado com as origens étnicas da população, sendo assim, na colônia espanhola temos poucos tipos geneticamente híbridos enquanto que no Brasil com o passar do tempo

predomina a figura do mestiço mameluco, ou do mulato fruto da mistura do sangue do branco com o negro. Também temos o curiboca, já que os negros escravos também se relacionavam com as mulheres indígenas. Porém, alguns autores (BANDEIRA, 1988; VOLPATO, 1987) alertam ainda para a movimentação migratória na fronteira guaporeana, onde índios aldeados, escravos negros, ou colonos brancos fugiam de uma colônia para outra. Os escravos negros que formavam um dos principais componentes étnicos da colônia portuguesa podiam cruzar a fronteira e buscar apoio nas missões castelhanas. O cruzamento do negro com o índio também se fez presente na colônia espanhola, pois os negros buscavam as mulheres indígenas aldeadas nas missões. Segundo Bandeira, “*esses casamentos continuam se verificando entre pretos e índios chiquitanos da fronteira boliviana*”. (1988, p. 74).

Os processos de mestiçagem que resultaram na figura populacional do Cabano foi uma das principais dinâmicas históricas que reconfigurou as populações que habitavam a Bacia dos rios Guaporé/Mamoré. São esses cabanos mestiços que segundo Veríssimo (1887) habitavam as margens do grande rio e de seus numerosos afluentes, vivendo já de acordo com a vida do conquistador, contribuindo para sua receita, trabalhando nas suas indústrias. Já não seria mais como o índio geneticamente puro nem como o tapuio culturalmente desenraizado do seu mundo de origem. E é exatamente desse processo de reconfiguração, dessa dinâmica histórica que o caboclo guaporeano é oriundo, já que ele é resultante de todos os contatos contínuos desenvolvidos na região, envolvendo até mesmo alguns aspectos da colonização espanhola.

O CONTEXTO HISTÓRICO DA COLÔNIA PORTUGUESA

O povoamento da margem Oriental do rio Guaporé (território português) teve início com as descobertas de ouro em Cuiabá. Foram os paulistas os primeiros a penetrarem no sertão oeste⁶. Canavarros (2004) define como expansão luso-paulista, já que esses foram os primeiros bandeirantes a

⁶ Segundo Canavarros: *todo esse conjunto do interior, os paulistas chamavam genericamente de “sertões”, e “sertanistas” seriam aqueles que se aventuravam neles, procurando meios de vida* (2004, p. 183).

palmilhar a região. Os primeiros achados auríferos na região datam de 1719, acontecendo neste mesmo ano a fundação do arraial de Cuiabá, que mais tarde em 1727 foi alçado à condição de Vila de Cuiabá. A expansão para Extremo Oeste da colônia, território fronteiro às terras da colônia espanhola se desenvolveu tendo a Vila de Cuiabá como o ponto base. O ouro foi o principal produto econômico que impulsionou a economia colonial mercantilista no vale do Guaporé durante o século XVIII. A exaustão das lavras de ouro em Cuiabá a partir de 1727 fez com que os sertanistas adentrassem cada vez mais para o interior da colônia em busca de novos achados auríferos. A busca por riquezas minerais e a preação de índios foram os dois principais fatores que impulsionaram os sertanistas/colonos a penetrarem cada vez mais nas terras do Extremo Oeste da Colônia. Em 1734 os dois irmãos sorocabanos Fernando e Arthur Paes de Barros realizaram a descoberta de novos veios auríferos já em terras que mais tarde fariam parte da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá.

As Províncias missionárias jesuíticas de Mojos e Chiquitos já estavam sedimentadas no território boliviano e exerciam grande controle na fronteira quando os portugueses tomaram conhecimento. A Capitania de Mato Grosso foi criada em 1748 para servir de núcleo do governo colonial na margem portuguesa do rio Guaporé. De acordo com Volpato: [...] *a Capitania deveria não só conter as tentativas de avanço espanhol, mas tentar ocupar as áreas ainda não ocupadas pelos vizinhos, tornando-se de fato o antemural do Brasil.* (1987, p. 39) O escolhido para ser o governador da Capitania foi D. Antônio Rolim de Moura. Esse capitão-general foi incumbido da tarefa de estruturar a organização administrativa da Capitania e escolher o melhor local para a instalação da sua capital: *O governador escolhe então Pouso Alegre, antigo sítio de mineradores cuiabanos, as margens do rio Guaporé, para fundar Vila Bela da Santíssima Trindade, a 19 de março de 1752.* (BANDEIRA, 1988, p. 84). O ano de 1752 deve ser visto como um marco de dois acontecimentos importantes na colônia: a fundação da Capital Vila Bela da Santíssima Trindade, que seria a sede administrativa da Capitania; a liberação da rota comercial fluvial Madeira/Guaporé. Uma década depois da viagem de Manuel Félix de Lima seria concretizado o roteiro proposto por aquele minerador em 1742. O vínculo fluvial entre Vila Bela do Mato Grosso a Belém do Pará foi liberado oficialmente pela Coroa portuguesa em 1752. O roteiro fluvial

Amazonas-Madeira-Mamoré-Guaporé, que começou a operar a partir da segunda metade do século XVIII, se tornou a principal rota comercial que abasteceu a região guaporeana ligando o norte da Capitania de Mato Grosso a Belém do Pará. Em seu estudo sobre a Economia Colonial Lapa destaca que esse roteiro fluvial vindo do Norte foi explorado por iniciativa privada, sendo que de 1755-1778 comércio monçoeiro fluvial desenvolveu-se sob o controle da Companhia de Comércio Grão Pará e Maranhão:

As cargas que as monções levavam do Pará para o Mato Grosso eram predominantemente de manufaturas importadas, pelo menos durante o tempo em que atuou a Companhia do Grão-Pará e Maranhão. (LAPA, 1973, p. 77).

Lapa ressalta ainda que durante o tempo em que existiu a Companhia de comércio teve influência incisiva sobre o comércio com Mato Grosso. Vila Bela estando situada às margens do Guaporé se tornou o polo concentrador por onde chegavam as monções vindas do norte, carregadas com manufaturas e escravos para abastecer os núcleos e arraiais da região mineradora. De acordo com Teixeira (1998) a característica maior desse comércio foi sempre a sua interdependência com a produção de ouro, pois as rotas comerciais foram tanto mais ativas quanto maior foi a produção de ouro, e decaíram na medida em que o ouro se tornou escasso.

O avanço do conquistador português sobre as terras da região guaporeana não se desenvolveu sem antes travar inúmeros combates com os diversos grupos indígenas que ocupavam a região. Alguns grupos indígenas como os paiaguás, bororo, guaicuru, pareci e caiapós habitantes originários da região. Volpato ainda chama à atenção para o fato de que:

O conflito entre brancos e indígenas antecipou-se ao povoamento. Apresadores de silvícola já haviam devassado a região antes da descoberta do ouro. Estabelecidos os primeiros núcleos portugueses, o índio resistiu como pode a invasão de suas terras. (1987, p. 113).

Parte dessas populações indígenas participaram do projeto colonial português e formaram o contingente populacional neocolonial, sendo os índios tapuios que auxiliaram no processo de conquista.

A política colonial portuguesa desenvolvida na região guaporeana durante o século XVIII esteve pautada principalmente no sistema econômico tendo a mineração como o principal sustentáculo. As lavras auríferas do Guaporé foram caracterizadas principalmente por sua durabilidade efêmera: *A economia do ouro em Vila Bela era altamente instável, mercê da produção aventureira e descontínua. O comércio que ensejou adquiriu igual caráter.* (BANDEIRA, 1988, p.99-100). A economia da região durante o século XVIII estava voltada para a produção do ouro. Em seu estudo sobre a capitania de Mato Grosso Luiza Volpato ainda alerta para o fato de que outras atividades como a agricultura e a pecuária eram desenvolvidas na colônia, porém, apenas para atender ao mercado interno, como atividades secundárias, atendendo de forma quase que totalmente insuficiente à demanda regional. Por vezes a produção não assegurava os níveis de consumo mínimos, passando assim os habitantes por períodos de carência: *A agricultura e a pecuária, organizadas para atender à demanda regional, não dispunham de uma produção efetivamente estruturada.* (VOLPATO,1987, 62). Além da produção agrícola local, a colônia dependia dos produtos importados, cujo abastecimento incerto era promovido pelas monções.⁷

A conquista das terras do Extremo Oeste da colônia portuguesa só se tornou efetiva após as descobertas de ouro pelos irmãos sertanistas Arthur Paes e Barros em 1734 no rio Galera, afluente do rio Guaporé, próximo já à área fronteira as missões espanholas. Embora Vila Bela estivesse sido constituída como uma cidade de brancos, o que se viu na prática foi uma população majoritariamente composta por negros, sendo o Território guaporeano uma das regiões amazônicas que concentrou significativa população negra o que contribuiu para o peculiar processo de desenvolvimento do quadro étnico da região. O negro foi introduzido no Guaporé colonial servindo como a principal mão de obra para o trabalho nas lavras e faisqueiras. Passaram por um intenso processo reconfiguracional, pois para adentrarem no mundo neocolonial o negro foi sendo recriado dentro do corpo social imposto

⁷ Assim como descreve Teixeira: *a agricultura nunca conseguiu desenvolver-se plenamente na região do Guaporé Português, sendo considerada sempre uma atividade intrínseca à mineração e não chegando a atender inteiramente às necessidades do consumo local, embora o conjunto de suas terras fosse fértil e produtiva.* (1997, p. 65)

pelos brancos: *Desenraizados e destribalizados (...) livres ou escravos, independentemente de suas origens étnicas, os pretos eram forçados a compartilhar uma identidade social definida pelos brancos.*(BANDEIRA, 1988, P. 113). Retirados de sua terra originária, e de suas singularidades e trajetórias históricas, os negros que chegaram ao Vale do Guaporé foram recriados e redefinidos no corpo social branco [...] *como indivíduos de raça inferior e subalterna, destituídos de história própria, de etnia, de corpo, de alma.* (idem, p. 114).

A VIDA DO ESCRAVO NEGRO NA COLÔNIA

Para compreender os tipos populacionais que se formaram no Guaporé português é preciso antes lembrar que o contexto histórico da região teve grande influência. O território guaporeano apresenta características peculiares, tanto pela sua singularidade geográfica por ter formado território fronteiro e por ser também uma região amazônica que concentrou significativo número de negros. Foram os negros que sustentaram a ferro e fogo o processo de colonização implantado na região. Serviram como mão de obra indispensável na colônia.

Como forma para fugir do rígido trabalho nas lavras e faisqueiras, os escravos encontraram no quilombo uma forma de resistir as engrenagens do sistema colonial: *O quilombo, além de núcleo de resistência, serviu como um escudo de proteção e de expressão da cultura negra.* (Idem, p. 121). O quilombo também pode ser analisado como um lócus privilegiado para entender processos de reconfiguração, tendo em vista que eles também ajudaram a forjar o tipo populacional do cabano. Negros, mestiços, brancos e índios poderiam formar a composição étnica de um quilombo. Tendo em conta que o conjunto populacional da colônia no século XVIII era predominantemente masculino e negro, os homens negros buscavam principalmente as mulheres indígenas para se relacionarem, surgindo a figura do cafuzo ou curiboca, mestiço do negro com o índio. O quilombo do Piolho foi um dos mais importantes quilombos da região.

. O capitão Francisco Pedro de Mello no seu *Diário da Diligencia que por ordem do Illustrissimo e Excellentissimo João d'Albuquerque de Mello Pereira e*

Cáceres, Governador e Capitão General da Capitania de Matto-Grosso, se fez no anno de 1795, a fim de se destruírem vários Quilombos, e buscar alguns logares em que houvesse ouro. (In: ROQUETE-PINTO, 1917, p. 11) nos fornece a ideia da composição étnica da população do quilombo do Piolho, permitindo-nos vislumbrar a composição da futura população rural guaporeana:

Relação dos pretos, Índios e Caborés de que se compunha o Quilombo do Piolho em que se deu no dia 19 de Junho de 1795:

*Negros 6
Índios 8
Índias 19
Caborés 10
Caborés fêmeas 11

TOTAL 54*

Podemos notar a quantidade de caburés, sendo estes os filhos resultantes dos diversos cruzamentos. No caso do Guaporé colonial, conforme se depreende da leitura do diário do capitão Francisco Pedro de Mello, a configuração da população cabocla guaporeana está submetida ao imperativo da absoluta maioria indígena. O negro guaporeano aquilombolado evangeliza os caburés e índios. Estes, ao serem presos já sabiam alguma doutrina cristã, pois aprenderam com os negros, restando apenas o batismo. Podemos observar a absoluta singularidade da formação histórica do caboclo guaporeano, que podemos agora melhor definir não como negro, ou índio, mas como caburé e à sua cultura como uma cultura caburé. Essa cultura, a par das imposições do elemento conquistador, chama também à atenção pela sua mistura dos elementos próprios da cultura negra e indígena da fronteira oeste.

VILA BELA E A CONSTITUIÇÃO DO CAMPESINATO NEGRO GUAPOREANO

A fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade em 1752, pelo general Antônio Rolim de Moura, foi uma decisão do governo português para assegurar a posse do vale do Guaporé e garantir a defesa de suas fronteiras, pois as missões religiosas de Castela: Mojos e Chiquitos já estavam sedimentadas na colônia espanhola. Após o surto aurífero problemático, pois em meio a crises

de demarcação de fronteiras, abastecimento e guerra contra o nativo, quando os brancos abandonam a cidade curiosamente deixam os seus negros escravizados.

Dentre os muitos motivos para a desocupação branca de Vila Bela, Maria de Lourdes explica em sua obra *Território Negro em Espaço Branco*, que a decadência da mineração – a qual não durou mais que do que três ou quatro décadas –, as doenças, a falta de estruturação do comércio, as tensões políticas nas fronteiras, seriam os fatores preponderantes para essa desocupação.

Até as primeiras décadas do século XIX, a mineração arrastou com muitos problemas criando, assim, a necessidade de substituição da atividade mineradora para a agricultura e criação de gado, como afirma Maria do Carmo Brazil (BRAZIL, 2002, p. 81). Além da problemática econômica, Vila Bela passava por dificuldades políticas; quando foi proposta a mudança da capital para Cuiabá ou Vila Maria, em 1798 por Caetano Pinto de Miranda Montenegro (MELGAÇO, 1949, p. 300). A partir dos anos de 1800 o crescimento de Vila Bela diminuiu, a justificativa foi dada pela insalubridade da região fazendo com que os governadores permanecessem mais tempo em Cuiabá; até que em agosto de 1835 declarou-se Cuiabá como capital da província de Mato Grosso. Segundo Teixeira, Fonseca e Moratto, o abandono da região pelos brancos foi dado a partir da terceira década do século XIX.

Entretanto, a comunidade de negros, em sua maioria inserida, em um contexto de escravidão, permaneceu na região abandonada pelos seus senhores que jamais voltaram para reclamá-los, ou ainda, pela função de suas fugas para regiões ermas e remotas onde fundaram quilombos, cujos remanescentes sobrevivem até os dias atuais (TEIXEIRA, FONSECA E MORATTO, 2009, p. 6).

Uma das questões em análise nesse trabalho é a cultural. Em outras palavras: como se deu a reconfiguração das populações mestiças? Essas populações, desde o período colonial vêm sendo moldadas, primeiramente na figura do tapuío. Outra análise de extrema relevância seria a das populações negras dos quilombos de Vila Bela da Santíssima Trindade. Trataremos de estabelecer como era seu cotidiano, suas crenças, seus ofícios e o

relacionamento com os brancos que estavam em estado de permanência em Vila Bela.

VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE A PARTIR DO SÉCULO XIX

Após o surto aurífero e a mudança da capital para Cuiabá, Vila Bela foi abandonada pelos brancos, constituindo uma população majoritariamente de negros. A saída da elite branca demonstrou a resistência dos negros na formação de comunidades típicas nas áreas rurais como em Livramento, Poconé e Diamantino. No entanto, a interferência branca é notada em Vila Bela, como na necessidade de bens e outros produtos agrícolas a qual os forçava a manter contato, assim: *“As relações com a sociedade nacional branca, ainda que tornadas cada vez mais intermitentes, afetaram a organização cultural da comunidade negra (...)”* (BANDEIRA, 1988, p. 125).

Aos que ficaram em Vila Bela coube a penosa tarefa da sobrevivência. Reerguer a cidade a partir da decadência econômica e desorganização político-social que a assolava; neste sentido os negros e os poucos brancos que restaram compartilharam dessa crise. A agricultura foi uma atividade constantemente exercida pelos negros quase que exclusivamente, mesmo quando a extração de ouro estava em alta.

Contudo, durante o auge da mineração essa agricultura sempre foi insuficiente para dar conta do abastecimento de alimentos na zona mineradora. Explica o fato de que a mineração guaporena sempre foi caracterizada pelo seu caráter ambulante, o que dificultava o estabelecimento de roças. Em segundo lugar, a prioridade na ocupação da mão de obra escravizada estava no lavrar e faiscar ouro não sendo, via de regra, destinada à agricultura, tarefa menos compensadora.

De um modo geral, o abastecimento de gêneros de alimentação se dava pelo contrabando com as missões religiosas do lado espanhol conforme bem o explicitou Carvalho (2011) e o abastecimento de produtos manufaturados se dava pelas expedições comerciais, inicialmente as monções do Sul, porque partiam de São Paulo, e depois através das monções do Norte, porque partiam de Belém. A partir da obrigatoriedade do abastecimento guaporeano através de Belém, as monções do norte se limitavam até Vila Bela

Com a decadência da produção aurífera e o abandono do vale pelos brancos, a atividade econômica principal de Vila Bela passa a ser a agricultura. Assim, pode-se concluir que a fundação da comunidade negra de Vila Bela coincide com uma etapa da formação do campesinato tradicional – este é um traço extremamente importante para compreendermos como se formou a população cabocla do Guaporé.

Os brancos que ficaram tenderam a reformular o seu modo de vida, incorporando os negros à sua coexistência. Isso se fez marcante quando os negros passaram, aos poucos, a assumir as posições sociais que antes eram ocupadas pelos brancos; pois já não havia brancos o suficiente que pudessem ocupá-las. Nas posições superiores os negros também obtiveram sucesso, sua presença foi notada nas atividades culturais, religiosas e econômicas. A presença dos negros nas atividades, que outrora eram desempenhadas pelos brancos, permitiu alterações nas normas com que conduziam, por exemplo, os rituais religiosos.

ASPECTOS RELIGIOSOS DE VILA BELA

Francis Castelnau em sua viagem pelas regiões centrais da América do Sul registrou quando passava por Vila Bela dados interessantes sobre uma procissão em homenagem ao dia de Santo Antônio. Após a procissão foi convidado a almoçar no palácio e então seguiu para a capela de Santo Antônio “[...] que é pequena, mas, pelo menos, despida da infinidade de ornamentos de péssimo gosto, que atravancam geralmente as igrejas da terra.” (CASTELNAU, 1949, p. 364). O autor destaca para o fato de que havia quatro padres, sendo dois brancos, um negro e um mulato. A capela estava repleta de mulheres, em sua maioria negras, trajando belas vestimentas, sentadas à mesa, costume que Castelnau nunca havia visto desde que saiu do Rio de Janeiro. (CASTELNAU, p. 367).

As irmandades religiosas em que os negros tinham mais acesso, como São Benedito, ganhou mais força de expressão. Outras irmandades que eram exclusivamente brancas e elitistas, como o Santíssimo Sacramento, perdeu força e prestígio. As festas como do Divino, da Padroeira e dos santos perdeu seu caráter religioso “branco”, transformando seus conteúdos, em conteúdos

culturais negros. Essas festas ganharam força também na área rural guaporeana. A partir da última década do século XIX é organizada pelo campesinato quilombola daquele vale a festa do Divino, festa de caráter fluvial que persiste até hoje como a maior expressão da cultura religiosa rondoniense.

A festa de São Benedito é realizada atualmente, é o santo da etnia da comunidade de Vila Bela, o santo preto dos negros que, segundo a tradição, ocupa o lugar à direita do Divino sendo o segundo santo mais poderoso. Na festa de São Benedito há um momento crucial dedicado a encenação dramática da congada, uma dança popular representando as disputas travadas entre reinos africanos. De origem africana, essa representação popular assumiu características religiosas dos santos católicos, por exemplo, Nossa Senhora do Rosário.

Outros elementos culturais na esfera religiosa foram agregados às crenças desta comunidade, especialmente os componentes da religião indígena. A mãe-d'água é uma crença em Vila Bela que traz em si traços culturais indígenas e também africanas; trata-se de uma moça com longos cabelos, da cintura para cima é humana e da cintura para baixo é um peixe, conhecida como sereia. Outro elemento desta mesma origem é o curupira, um homem pequeno de cabeça vermelha, que se diverte atraindo pessoas para as matas densas fazendo perder o caminho.

Todos esses dados nos permitem entender que apesar da população de Vila Bela ser majoritariamente composta por negros, não se pode afirmar que sua religião é restritamente afro, outros elementos foram cooptados transformando a comunidade. O chorado é outro elemento, de origem portuguesa, é uma dança de mulheres realizada em festas religiosas que traços africanos foram adaptados, “[...] *as letras do chorado, tendo como tema recorrente o amor, ora preservam cantigas portuguesas, ora enfocam o cotidiano*” (BANDEIRA, 1988, p. 208 – 209).

Vila Bela manteve seus aspectos genéticos predominantemente negros, no entanto os culturais tenderam a uma mescla com elementos indígenas e portugueses formando uma população do tipo cabano/quilombola. Na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX, a economia de Mato Grosso se integrava à economia nacional de exportação de matéria prima através do corredor da bacia do Prata.

A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM AMAZÔNICO A PARTIR DO SÉCULO XIX

O que sustentou a sobrevivência das populações guaporeanas foi o extrativismo das plantas nativas e a extensa floresta que adentrava as margens do rio Guaporé. A segunda metade do século XIX foi marcada pelo surto gumífero do chamado Primeiro Ciclo da Borracha e a primeira metade pela Cabanagem (1835 – 1840,) que deu formas mais explícitas do tipo cabano e caboclo⁸. Através da extração da goma elástica que se criou a figura do caboclo amazônico o qual conhecemos hoje, a introdução do nordestino e as características de como se formou os seringais são imprescindíveis para a análise do processo histórico e cultural dessa população.

O primeiro ciclo da borracha tem por início a segunda metade do século XIX. Em 1839 Charles Goodyear inventa o processo de vulcanização da borracha, possibilitando a exportação da goma elástica amazônica como matéria prima e assegurando seu lugar na economia internacional. O problema da falta de mão de obra encontrou uma solução a curto prazo na importação de nordestinos para os seringais amazônicos. Segundo Arthur Cezar Ferreira Reis, os paraenses e amazonenses tiveram grande participação no início do negócio, instalando-se primeiramente na costa do Macapá, Baixo Amazonas, nas ilhas, nas cercanias de Belém, e nas explorações levadas mais adiante como no vale do Tocantins, do Xingu, do Tapajós e do Madeira. Já os amazonenses se estabeleceram no Madeira, no baixo Amazonas, no Solimões, no Rio Negro, no baixo Purus e no Juruá. Enquanto os nordestinos, em sua maioria cearenses, situaram no Xingu, Tapajós, Guaporé-Mamoré, Purus e Juruá (REIS, 1953, p. 117).

Os caboclos amazônicos, em sua maioria, descendiam dos “tapuios” que deixaram sua vida tribal e se fixaram ao leito dos rios nos pequenos sítios, caracterizando-se num estilo de vida rural, pois eram afeiçoados a terra. Sua lavoura, muito rudimentar, “plantam mandioca, com que preparam as farinhas,

⁸ Embora não haja profundas diferenças entre o termo cabano e caboclo, adotaremos certa distinção para fins didáticos; o tapuio transformou-se em cabano através do advento da Cabanagem, e o caboclo seria resultado do primeiro surto gumífero com a chegada dos nordestinos.

bananeiras, pimenteiras e pouco mais” (REIS, 1953, p. 118). Moram em “tapiris” pois, segundo Ferreira Reis, têm certeza do crescimento das águas. Com relação a sua religião, são quase em sua totalidade católicos, à sua maneira no exercício do catolicismo, incorporando elementos indígenas e africanos. Devido à ausência de sacerdócio e até mesmo de capelas e oratórios, a educação religiosa ficava a responsabilidade da própria população.

Após a decadência das drogas do sertão, outros produtos ocuparam as populações locais, a borracha e a poaia se constituíram os principais atrativos. Em Vila Bela a extração da poaia, destinada ao intercambio, garantiam o fluxo de trocas para atender as necessidades que a produção do consumo direto não atendia. Até as primeiras décadas do século XX, a produção era trocada por sal, armas, instrumentos agrícolas, tecidos, remédios, etc. A extração era feita por grupos familiares, participavam mulheres, homens e meninos a partir de 11 anos. As raízes eram extraídas e postas para secar, em seguida transportadas de canoa para Vila Bela. De Vila Bela os estoques eram transportados para Cáceres, onde fazia o intercambio, “[...] *já que o escoamento dos produtos era feito através do rio Paraguai para o mercado externo*”⁹ (BANDEIRA, 1988, p. 168).

Modo semelhante era a extração de borracha em Santo Antônio, a forma mais usual de extrativismo feita por esta população foi a coleta, que “[...] *definiu um modo próprio de existência desse campesinato, distinguindo suas relações sociais, estrutura familiares e relações com o espaço natural*” (FONSECA E TEIXEIRA, 2010, p. 208). Desta forma o campesinato formado na região guaporeana tem procedência escrava ou quilombola, diferenciando do tipo camponês apresentado pela presença nordestina na extração da borracha no final do século XIX.

Uma das características mais pertinentes, quando diz respeito a produção de seringa no Vale do Guaporé é que a extração da borracha não ultrapassa os limites das terras utilizadas pela comunidade. Esse fenômeno é divergente do caboclo formado pelo seringal tradicional, onde se encontra nos barracões sua unidade de abastecimento, desassociando o trabalhador dos

⁹Entretanto, quando a Guerra do Paraguai irrompeu, forçou a mudança do trajeto da comercialização dos produtos extrativistas da região para Guaporé, Mamoré, Madeira e Amazonas

seus recursos de subsistência. Os negros da região guaporeana sempre foram camponeses e extratores, enquanto seringais com presença nordestina trazia seus trabalhadores de regiões interioranas onde criava-se gado. Para o caboclo do tipo quilombola, suas roças eram a base de seu sustento e o extrativismo estratégia utilizada para complementar monetariamente sua renda. Segundo Fonseca e Teixeira outra peculiaridade faz-se notar “[...] *a base de toda estrutura de subsistência continuou a ser as barrancas do Guaporé, ao contrário das barracas de colocação, onde o trabalhador é situado em seus centros interioranos.*” (FONSECA E TEIXEIRA, 2010, p. 210).

Sabe-se que os negros de Santo Antônio do Guaporé se estabeleceram às margens do rio Guaporé nas proximidades do São Miguel, pois já nas últimas décadas do século XIX não havia risco de serem capturados. “*A renda do extrativismo superava a da produção agropastoril, que se destinou basicamente pelo consumo imediato*” (FONSECA E TEIXEIRA, 2010, 195). Neste sentido o modo como lidavam com a roça é semelhante com o modo dos vilabelenses, trocando o excedente e comercializando na fronteira com a Bolívia. O principal produto do plantio é a macaxeira usada para a produção de farinha. A farinha rejeitada é aproveitada para a fabricação de biscoitos e beiju no quais são consumidos no café da manhã. Assim como em Vila Bela outros produtos são cultivados nas roças como feijão, milho, arroz, abobora, inhames, cana de açúcar, etc.

Assim como em Vila Bela e Santo Antônio do Guaporé, a comunidade de Jesus¹⁰ partilha de semelhante modo de vida. O extrativismo foi a principal atividade econômica dessa população até 1970, tendo a extração da borracha e da poaia maior destaque.

Nas três comunidades – Vila Bela, Santo Antônio do Guaporé e a Comunidade de Jesus – é característica a ausência do regime patronal no extrativismo. Nessas comunidades onde se estima a fraternidade não coube o sistema patronal, pois todos tinham acesso à terra, que ora estão em processo de transformação em territórios comunitários derivados da condição quilombola.

¹⁰ As origens da comunidade se dão na década de 1940, quando o senhor Jesus Gomes de Oliveira deixa o seringal de seus irmãos no rio São Miguel, afluente do rio Guaporé, para a região onde se encontra a comunidade, da qual é patriarca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre o território guaporeano percebe-se que boa parte da produção historiográfica que descreve sobre a região está concentrada mais no século XVIII. O que não causa estranheza, pois este foi considerado o século da efervescência e do povoamento “branco” na região. O objetivo da pesquisa é alertar para a formação do caboclo guaporeano e estudar os tipos populacionais que se formaram na região. Analisar o contexto histórico da região é necessário, pois esse caboclo é oriundo dele. Porém, mais que analisar o século XVIII, ou o sistema econômico (mineração) também é necessário estudar a região posteriormente.

Estudar a região amazônica guaporeana no século XIX e XX é fundamental, já que o ouro declinou, os brancos desocuparam a região, porém, as populações que se formaram dentro do ambiente neocolonial permaneceram. São exatamente essas populações que merecem ser estudadas. Assim como o historiador Marc Bloch descreveu, o objetivo da história é estudar os homens no tempo. As características das populações rurais guaporeanas, do caboclo guaporeano, que se constituiu e persistiu na região por todo o século XIX e XX precisam ser estudadas. Além de Vila Bela, também temos diversas comunidades que se desenvolveram na região como fruto de toda a trajetória histórica colonial e singular.

FONTES CONSULTADAS

AMARAL, Gustavo Gurgel; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues Teixeira. **Quilombolas de Jesus. Vale do Rio São Miguel do Guaporé/Rondônia.** São Paulo: Editora e Gráfica WB, 2010.

ANZAI, Leny Caselli. Missoes de Moxos e chiquitos e a capitania de Mato Grosso. *Revista lusófona de ciências das religiões* – Ano VII, 2008.

ANZAI, Leny Caselli. **As ‘Missões Espanholas’ nos registros do Senado da Câmara de Vila Bela da Santíssima Trindade (1734-1789).** I Congreso

Internacional Chiquitano "La Misión Jesuita en Territorios de Frontera en América"
San Ignacio de Velasco, Bolivia, del 22 al 24 de Mayo de 2008

BANDEIRA, Maria de Lurdes. **Território negro em espaço branco.** São Paulo, Brasiliense, 1988

BLOCH, Marc. **Introdução à História.** 4 ed. Lisboa. Europa América, sem data.

BRAZIL, Maria do Carmo. **Frenteira Negra: dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso 1718-1888.** Editora UPF. RS, 2002.

BRAZIL, Maria do Carmo. **Frenteira negra: dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso 1718-1888.** Passo Fundo: UPF, 2002.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **Lealdades negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do sul (segunda metade do século XVIII).** Tese de doutoramento, São Paulo, Universidade Federal de São Paulo. 2012

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. Rivalidade imperial e comércio fronteiriço: aspectos do contrabando entre as missões espanholas de Mojos e Chiquitos e a capitania portuguesa de Mato Grosso (c. 1767-1800). *Antíteses*, v. 4, n. 8, p. 595-630, jul./dez. 2011.

CASTELNAU, Francis. **Expedição às regiões centrais da América do Sul.** 2 vols., tomo II. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1949.

CASTRO, Ferreira. **A selva.** São Paulo: Editora Verbo, 1972.

CHAVES, Otávio Ribeiro, **Escravidão, Frenteira e Liberdade (Resistência Escrava em Mato Grosso 1752-1850).** Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2000.

D'ORBIGNY, Alcide. **Descripción geográfica, histórica y estadística de Bolívia.** Tomo primero. Paris: Gide e Companhia, 1845.

DUTRA, Paulo Sérgio. **Memórias de professoras negras do Guaporé: do silêncio à palavra.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Cuiabá (MT), 2010.

FONSECA, Dante Ribeiro da, A história e a cultura na fronteira rondoniense Brasil/Bolívia. **Santana**, 2013

FONSECA, Dante Ribeiro da. **Estudos de História da Amazônia**. Porto Velho: Maia, 2007

FONSECA, Dante Ribeiro da; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Os negros do Guaporé: os quilombolas de Santo Antônio**. Porto Velho, 2010 (inédito).

IONE, A. *et al.* Índios de Mojo e Chiquitos no contexto colonial Ibérico do século XVI ao XVIII. **Revista territórios & fronteiras**, Cuiabá, v. 5, n.2, jul-dez, 2002

LAPA, José Roberto do Amaral. **Economia Colonial**. São Paulo. Perspectiva, 1973

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. 24^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

LIMA, Deborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA** vol. 2, nº 2 - dezembro 1999

MARQUES, Manoel Esperidião da Costa. **Região ocidental de Matto Grosso: viagem e estudos sobre o valle do baixo Guaporé da cidade de Matto Grosso ao forte do Príncipe da Beira**, 1906. Rio de Janeiro, Typ. ePap. Hildebrandt, 1908.

MARTINS, José de S. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MEIRELES, Denise Mald. **Guardiães da fronteira: rio Guaporé século XVIII**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MELGAÇO, Barão de. **Apontamentos Cronológicos da Província de Mato Grosso**. In *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, vol 205. 1949.

MELLO, Francisco Pedro de. Diário da Diligencia que por ordem do Illustrissimo e Excellentissimo João d'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General da Capitania de Matto-Grosso, se fez no anno de 1795, a fim de se destruírem vários Quilombos, e buscar alguns logares em que houvesse ouro. In: ROQUETE-PINTO, Edgard. **Rondônia** (Anthropologia,

Ethnographia). Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Volume XX. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. **Índios da Amazônia. De maioria a minoria.1750-1850.** Petrópolis, Vozes, 1988.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX. In: Editora Civilização Brasileira. *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro, no. 11, v. 11, maio/1979

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro.** Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1953.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. O povo das águas pretas: o caboclo amazônico do rio Negro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.113-143, dez. 2007.

SILVA, Gilian Evaristo França. **Festas e celebrações em Vila Bela da Santíssima Trindade no século XVIII.** 2008, 155f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues, FONSECA, Dante Riberio da & MORATTO, Juliana. A presença negra em Rondônia: as estruturas do povoamento. In: TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Riberio da, ANGENOT, Jean-Pierre (orgs). **Afros e Amazônicos:** estudo sobre o negro na Amazônia. Porto Velho – Rondônia: Edufro, 2009.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Dos Campos D'Ouro à Cidades das Ruínas: Apogeu e Decadência do Colonialismo Português no Vale do Guaporé (sécs.18-19).** Dissertação de mestrado pela UFPE, 1997

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. O comércio e as rotas fluviais na sociedade guaporeana colonial. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente.** Set.-Nº 13, Vol II, 1998.

VERISSIMO, José, As populações indígenas e mestiças da Amazônia. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro.** Rio de Janeiro, no. 50:1, p. 295-390, 1887.

VOLPATO, Luíza Rios Ricci. **A conquista da terra no universo da pobreza:** formação da fronteira oeste do Brasil,1719-1819. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/ Minc-Pró Memória, 1987